



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 05/08/2022

BRASIL	2
Mercado ganadero con presión a la baja.....	2
Brasil exportaría más carne bovina en 2022	2
Menor ritmo de crecimiento en las exportaciones de carnes bovinas	3
Valor total exportado en julio fue el máximo histórico	3
Autoridades egipcias redujeron precios de la carne bovina de origen brasileño	3
Brasil podrá exportar carne con hueso a URUGUAY	4
URUGUAY	4
Con poca demanda persiste ajuste en mercado del gordo.....	4
Exportaciones de julio fueron las más bajas en casi dos años	4
Que uno de cada cuatro novillos provengan de corrales "nos da certeza por la consolidación del sistema"	5
Agosto encontró estabilidad en los precios y en la demanda china	5
"¡No hay que preocuparse!" por la estructura del stock hacia adelante	6
PARAGUAY	6
Valores de las haciendas gordas de exportación aumentan 10 centavos de dólar.....	6
Rusia fue el principal destino de exportación de la carne paraguaya en julio	6
Frigoríficos exportadores sumaron 195.320 vacunos faenados en julio	7
UNIÓN EUROPEA	7
EEUU utilizó solo 53% de su volumen asignado dentro de la cuota 481 en 2021/2022	7
ESTADOS UNIDOS	7
El desafío de la reposición cara	7
AUSTRALIA	8
Preocupación por aftosa reciente las operaciones de la industria frigorífica	8
Exportaciones del mes de Julio continuaron en niveles reducidos	9
NUEVA ZELANDA: IMPORTANTE INCREMENTO EN EL VALOR DE LAS EXPORTACIONES DE CARNES BOVINAS	10



BRASIL

Mercado ganadero con presión a la baja

04/08/2022 Com escalas de abate ainda confortáveis, frigoríficos brasileiros mantêm pressão de baixa sobre a arroba, mas pecuaristas que ainda têm boiadas gordas disponíveis evitam fechar negócios a preços abaixo dos atuais

A quinta-feira, 4 de agosto, registrou um fraco volume de negociações envolvendo animais terminados na maioria absoluta das praças pecuárias cobertas pelas consultorias do setor pecuário.

“Com as escalas de abate ainda alongadas, em sua maioria para o final de agosto, grande parte dos frigoríficos estão fora das compras, o que resultou em estabilidade nas cotações da arroba nesta quinta-feira”, relata a Scot Consultoria.

Com isso, o boi gordo abatido no Estado de São Paulo e direcionado ao mercado interno (sem prêmio-exportação) continua valendo R\$ 304/@, enquanto a vaca e a novilha gordas estão cotadas em R\$ 280/@ e R\$ 297/@, respectivamente, informa a Scot.

Bovinos abatidos mais jovens (até 30 meses de idade), voltados ao mercado da China, também permanecem com preços estáveis, ao redor de R\$ 315/@ nas praças paulistas.

Na avaliação da IHS Markit, apesar da estabilidade nos preços da arroba, o mercado brasileiro do boi gordo segue sob forte especulação baixista, reflexo da menor necessidade de compras de gado gordo no curtíssimo prazo.

Conforme relembram os analistas, neste início de entressafra de bois terminados a pasto, muitas unidades frigoríficas conseguiram preencher as suas programações de abate a partir de lotes de oriundos de parcerias em sistemas de confinamento – envolvendo sobretudo, indústrias, boiteis e grandes pecuaristas.

Porém, diz a IHS, a quantidade de animais terminados no primeiro giro de engorda intensiva não foi expressiva este ano devido aos altos custos dos insumos, sobretudo do milho.

No entanto, reforça a IHS, a estratégia de criação de parcerias no sistema intensivo de engorda está surtindo o efeito esperado, pois garantiu uma oferta mínima de animais para o andamento das operações frigoríficas, bem como contribuiu para diluir os altos custos da ração bovina, além de dividir os riscos deste tipo de operação.

A partir de meados de agosto, projetam os analistas, as ofertas de animais terminados no cocho tendem a diminuir drasticamente, refletindo em encurtamento das escalas de abate das indústrias.

Na visão da IHS, essa restrição mais forte de disponibilidade de boiadas gordas deve começar a aparecer, mais precisamente, na virada de agosto para setembro, o que pode motivar um movimento mais forte e consistente de valorização nos preços físicos do boi gordo.

No entanto, observa a IHS, até que esse ambiente de “apagão de boiadas gordas” comece a surgir com mais nitidez no mercado, projeta-se uma queda de braço vigorosa entre frigoríficos e pecuaristas, “porém sem muitos espaços para consolidar recuos nos preços ainda mais expressivos que os atuais”. “Um comportamento de estabilidade (nos preços da arroba) deve ser registrado ao longo das próximas semanas de agosto”, apostam os analistas.

Nesse sentido, no curto prazo, a produção interna de carne bovina deve continuar em ritmo cadenciado, voltada sobretudo para o atendimento ao mercado externo, que atualmente absorve um terço da produção nacional de carne bovina e continua bastante aquecido.

“Até a efetiva retomada do consumo da proteína bovina, os estoques devem permanecer balanceados, evitando, assim, desequilíbrios entre a produção e a demanda”.

No mercado atacadista, as expectativas permanecem positivas em relação ao avanço sazonal do consumo interno de carne bovina, que tende a crescer nos próximos dias favorecido pela entrada dos salários e também pelos programas de ajuda financeira (benefícios sociais) aos brasileiros promovidos pelo governo federal

Brasil exportaría más carne bovina en 2022

03/08/2022 Según estimaciones de la Conab

Prevén que Brasil suba sus exportaciones de carne bovina en 2022. De acuerdo con las proyecciones de la Conab, Brasil elevará 15% las exportaciones de carne bovina este año a un récord de 2,84 millones de toneladas, según la actualización de proyecciones de este 1 de agosto.

Además, proyecta un récord en las exportaciones de carne de pollo a más de 4,7 millones de toneladas, con un aumento anual de 6%.

En cambio, de la mano de la menor demanda desde China, las exportaciones brasileñas de carne porcina se contraerían 2% a poco más de 1 millón de toneladas, informó el portal DBO.



En cuanto a los volúmenes de producción, se estiman 15 millones de toneladas de carne de aves, con una disponibilidad de 48,6 kilos por habitante, 3% menos que el año pasado debido a una menor producción y mayores exportaciones. La producción de carne porcina se proyecta con un récord de 4,84 millones de toneladas y con mayor disponibilidad del producto para los consumidores brasileños (17,5 kilos per cápita). Por último, Conab proyecta que se producirán 8,1 millones de toneladas de carne vacuna, con una disponibilidad por habitante de 25 kilos. (Fuente: Faxcarne)

Menor ritmo de crecimiento en las exportaciones de carnes bovinas

4 de agosto de 2022 Depois de crescerem 46% em fevereiro e em média estarem com movimentação acima de 20% no acumulado dos primeiros 7 meses do ano, em comparação com o mesmo período do ano anterior, as exportações totais de carne bovina (somando in natura mais processadas), diminuíram seu ritmo pelo segundo mês seguido e subiram 6,25% em julho. No mês, foram movimentadas 203.742 toneladas, contra 191.765 toneladas em julho de 2021. As receitas com o produto, que acompanham as altas das commodities no exterior, proporcionaram divisas de US\$ 1,231 bilhão em julho de 2022, aumento de 21,8% em comparação com julho de 2021, que foi de US\$ 1,010 bilhão.

As informações são da Associação Brasileira de Frigoríficos (ABRAFRIGO), que compilou os dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério da Fazenda. No acumulado do ano, a ABRAFRIGO informou que, até julho, as exportações totais de carne bovina atingiram 1.293.071 toneladas frente a 1.071.772 toneladas no ano passado, no mesmo período, com elevação de 20,65%. A receita, em 2021, por sua vez, foi de US\$ 5,095 bilhões e nos sete primeiros meses de 2022 subiram para US\$ 7,471 bilhões, alta de 46,65%, acompanhando os bons preços internacionais.

Entre os 20 maiores clientes do Brasil, a China vem na primeira colocação com um aumento de 50,07% nas suas compras. Em 2021 elas foram de 493.686 toneladas, com receita de US\$ 2,5 bilhões. Em 2022, as importações do país asiático subiram para 665.014 toneladas e a receita para US\$ 4,64 bilhões. Com isso, a participação da China nos embarques totais dos primeiros sete meses do ano subiu de 46,1% em 2021 para 50,7% em 2022. Na segunda posição entre os importadores, os Estados Unidos aumentaram suas compras em 118,9% até julho: elas passaram de 52.935 toneladas em 2021 para 115.899 toneladas em 2022. A receita subiu 61,9%, de US\$ 394 milhões para US\$ 638 milhões. Com isso, a participação norte-americana nas exportações totais subiu de 4,9% para 9%.

Em terceiro lugar entre os importadores está o Egito que, em 2021, comprou 32.200 toneladas e neste ano já alcançou 78.583 toneladas (+ 144%), com a receita subindo de US\$ 119,5 milhões para US\$ 301,2 milhões (+ 152%); na quarta posição veio Hong Kong, que está diminuindo gradativamente suas importações. Em 2021 elas foram de 136.866 toneladas e em 2022 já caíram para 59.090 toneladas (- 56,8%). A receita saiu de US\$ 518 milhões para US\$ 205,4 milhões (- 60,4%). No total, 108 países elevaram suas importações de carne bovina brasileira enquanto que outros 46 diminuíram suas compras.

Valor total exportado en julio fue el máximo histórico

4 de agosto de 2022 A receita obtida com as exportações de carne bovina in natura em julho é a maior da história. Conforme dados da Secex, o total arrecadado no último mês foi de US\$ 1,09 bilhão, altas de 5,15% em relação a junho e de 21,38% frente a julho/21. Quanto ao volume exportado em julho, somou 167,29 mil toneladas, avanços de 9,59% na comparação com junho e de 0,60% em relação a julho de 2021.

Em termos de volume, esse é o segundo melhor mês de julho da história, atrás apenas do registrado em 2020, quando os embarques totalizaram 169,25 mil toneladas. De janeiro a julho de 2022, o volume exportado foi de 1,099 milhão de toneladas, o maior da série da Secex.

Segundo pesquisadores do Cepea, o bom desempenho das exportações brasileiras de carne bovina é reflexo da alta competitividade e da dependência do mercado chinês do produto nacional. No mercado interno, os preços do boi gordo oscilaram em julho – o Indicador CEPEA/B3 chegou a registrar mínima de R\$ 314,75 no dia 1º e máxima de R\$ 334,00 no dia 11, diferença de 19,25 Reais/arroba. No acumulado do mês (entre 30 de junho e 29 de julho), o Indicador avançou 1,70%, encerrando o período a R\$ 325,70. A média mensal, por sua vez, foi de R\$ 324,41, 2,03% acima da do mês anterior, mas 7,03% abaixo da de julho de 2021, em termos reais (os valores foram deflacionados pelo IGP-DI de junho).

Autoridades egipcias redujeron precios de la carne bovina de origen brasileño

Por: Agência de Notícias Brasil-Árabe 04/08/2022 Valor do produto importado do Brasil recuou 12% nos pontos de venda oficiais no país árabe, segundo informações do Ministério do Abastecimento e Comércio Interno

O Ministério de Abastecimento e Comércio Interno do Egito decidiu reduzir os preços da carne bovina brasileira nos seus pontos de venda em 12%, para 79 libras egípcias o quilo em vez das cerca de 90



libras egípcias praticadas antes da medida. O governo do Egito mantém pontos de venda para a disponibilizar produtos como a carne à população.

O porta-voz oficial e ministro assistente do Ministro de Abastecimento e Comércio Interno, Ahmed Kamal, disse que a pasta oferece mais de 1.100 produtos nestes complexos de consumo, afiliados ao ministério, a preços inferiores entre 25% e 30% em relação aos que estão no mercado.

O ministro egípcio de Abastecimento e Comércio Interno, Ali Al-Maslihi, recebeu um relatório da Empresa Fundo de Indústrias Alimentícias, ligada ao Ministério, sobre o volume do estoque das mercadorias dentro dos pontos de venda do ministério, para avaliar a disponibilidade.

Brasil poderá exportar carne con hueso a URUGUAY

Por: ESTADÃO CONTEÚDO 03/08/2022 País também poderá exportar produtos de alimentação de origem não animal ao Marrocos

O Brasil passará a exportar carne bovina com osso para o Uruguai e alimentação de origem não animal (aditivos alimentares, premixes e alimentos compostos) para o Marrocos.

As aberturas foram oficializadas em julho com aceite dos protocolos fitossanitários pelos países envolvidos, segundo informações da Secretaria de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura obtidas com exclusividade pelo Broadcast Agro.

Ao todo, no mês passado sete mercados foram abertos para produtos agrícolas brasileiros, incluindo a possibilidade de exportar amendoim sem casca, farelo de soja, polpa cítrica, proteína concentrada de soja e soro fetal bovino para a China – estas antecipadas na última semana.

No ano, a pasta totaliza 39 ações de aberturas de mercados. Em junho, os mercados abertos envolveram, principalmente, farinhas e produtos para alimentação animal para novos países. Em maio, o País obteve a possibilidade de exportar sementes de coco e sêmen bovino.

Em abril, os destaques das aberturas de mercado foram material genético bovino, material genético avícola e farinhas de origem animal. Em março, novos mercados foram abertos para carne bovina e suína do Brasil e material genético animal.

Em fevereiro, as aberturas envolveram principalmente material genético avícola, carnes e vitaminas para novos países. Em janeiro, os destaques foram aberturas para lima ácida, sementes de cenoura, embriões de bovinos e bubalinos, alimentos para pets, ovinos e caprinos

URUGUAY

Con poca demanda persiste ajuste en mercado del gordo

por Javier Lyonnet agosto 3, 2022

Ante la escasa fluidez y demanda por ganado de pasto se mantiene el ajuste de valores del gordo. El aumento de la faena al eje de las 40 mil cabezas responde al ingreso de ganado de corral y animales comprados con anterioridad que están siendo levantados en estos días.

Los negocios nuevos son para cargas cortas “lo que deja ver que la industria tiene interés de comprar a esos valores, y si compra carga rápido”, dijo Alejandro Zambrano en Tiempo de Cambio de Radio Rural.

Persiste la disparidad en las propuestas de valores entre plantas.

Los novillos están en el eje de US\$ 5 a US\$ 5,10 y algún centavo más en lotes especiales bien terminados.

La referencia para la vaca gorda está en el entorno de US\$ 4,80. Por la vaquillona, dependiendo del peso, en el entorno de US\$ 4,90 y US\$ 5.

La oferta de hacienda gorda es moderada, sin demasiados ganados preparados.

En lanares la demanda sigue firme con una oferta moderada normal para la época que mantiene la firmeza de precios, con un ajuste al alza en la última semana y el cordero pesado en la referencia de US\$ 4,80.

En la reposición la escasa demanda disponible empuja al alza los valores, que este jueves verán nuevas referencias en el primer remate de agosto de Plaza Rural, una experiencia nueva que propone el consorcio para aumentar la frecuencia de actividades.

La demanda de reposición, que supera a la oferta, permite anticipar puja por los cerca de 3.500 vacunos que ofrecerá Plaza Rural este jueves.

Exportaciones de julio fueron las más bajas en casi dos años

05/08/2022

Uruguay exportó 24.863 toneladas peso embarque de carne vacuna en julio, el menor volumen mensual desde agosto de 2020, casi dos años atrás

La drástica caída de la faena de vacunos se hizo sentir en los volúmenes de exportación. Uruguay exportó 24.863 toneladas peso embarque de carne vacuna en julio, el menor volumen mensual desde agosto de



2020, casi dos años atrás, de acuerdo con datos de solicitudes de exportación informados por Aduanas. El valor medio FOB bajó 1,2% mensual a US\$ 7.144 por tonelada peso carcasa.

China sigue dominando ampliamente como destino, aunque el porcentaje colocado en este país fue menor que en los meses previos. Casi dos de cada tres kilos (65%) se destinaron al mercado chino, proporción que llegó a ser de 76% en enero y 72% en marzo.

El valor medio de exportación a China comenzó a mostrar el ajuste a la baja en los precios a este destino; el congelado sin hueso se embarcó a un valor medio de US\$ 6.504 por tonelada, US\$ 118 por debajo de junio y US\$ 275 (4%) menos que el pico de abril.

En los primeros siete meses del año Uruguay exportó 238 mil toneladas peso embarque de carne vacuna a un valor medio de US\$ 7.002 por tonelada peso carcasa, con un aumento anual de 5,5% para el volumen y de 29% en el caso del valor medio.

Que uno de cada cuatro novillos provengan de corrales "nos da certeza por la consolidación del sistema"

03/08/2022

El corral significa el 13% del total de la faena, y el 23% en el caso de los novillos: uno de cada cuatro novillos proviene del corral

El corral significa el 13% del total de la faena, y el 23% en el caso de los novillos: uno de cada cuatro novillos proviene del corral. A propósito, Daniel Miranda, presidente de la Mesa del Feedlot, hizo referencia a que son números "muy interesantes" que demuestran "la consolidación del sistema del corral en la producción del país". "Que uno de cada cuatro novillos provengan de corrales habilitados nos da certeza por la consolidación del sistema", indicó.

En Valor Agregado de radio Carve, explicó que en esta época del año los precios tienen más incertidumbre. "Lo estamos viviendo, nuestro principal cliente de afuera, China, venía de apretar los precios y eso repercute internamente. Más allá de cada ventana, es un sistema que ayuda a todo el sistema el productor que lo implementa no para por cosas puntuales. El volumen va a seguir; veremos si los precios acompañan más o menos", dijo.

En tanto, comentó que si se consolida esta baja en el precio del gordo, no acompaña la reposición y la comida sigue estable, "el número es más finito, ganando algo, empatando..."

Agosto encontró estabilidad en los precios y en la demanda china

02/08/2022

Daniel Castiglioni, broker uruguayo radicado en China, informó que tras la salida del confinamiento aumentó la demanda y, con ello, los precios

En lo que va del año Uruguay ha exportado 318 mil toneladas de carne vacuna y, de ese total, 211 mil han terminado en China. Daniel Castiglioni, broker uruguayo radicado en China, comentó que agosto comenzó a encontrar estabilidad en los precios y en la demanda. En Valor Agregado de radio Carve, informó que tras la salida del confinamiento aumentó la demanda y, con ello, los precios. En julio hubo un incremento de precios de 5% y 8% y si bien no es mucho, paró con la caída de precios.

Ya en agosto, la gente aún no se anima a salir a toda potencia a comprar. Por eso el consumo y la demanda no es tan grande como se esperaba pos confinamiento. "Hay que pelear mucho para concretar negocios de volumen, estamos mejor que en junio, pero no tan fluido como debe ser", indicó.

Sobre el segundo semestre, la zafra, va a ser similar al primero; con volúmenes y precios similares o quizás más bajos.

"El volumen va a ser bueno, el precio un poco más abajo que el primer semestre, pero mejor que 2021", dijo.

El volumen de oferta de Uruguay ha sido muy bueno. Por su parte, Argentina no tiene estabilidad y tampoco es tan competitiva por el precio de su ganado. En tanto, Brasil ha pasado a ser el competidor más duro de Uruguay en el conosur y está con buen volumen. No obstante, Castiglioni indicó: "Estamos en un momento en el que cualquier factor que aparezca puede cambiar. El empresario es más precavido con la compra. Todo va mucho más despacio que antes", indicó.

Carne de corral. Según dijo, el consumo se ha visto mejorado comparado al mes anterior. La carne de corral está acomodando sus valores con el producto de grano para hacer coincidir y mover los volúmenes esperados. "La demanda está, el consumo está y Uruguay es cada vez más un jugador en ese segmento", indicó.

Carne ovina. La demanda se ve bien, pero hay dificultad para conseguir precios. Nueva Zelanda y Australia son los principales mercados. Está la demanda, pero es difícil el tema de los precios, porque "no está siendo fácil". "Vamos a tener que hacer coincidir precios porque es el mercado para corderos y mercados", concluyó.



“No hay que preocuparse” por la estructura del stock hacia adelante

03/08/2022

Jorge Acosta, gerente de Información del INAC, analizó los números de faena

La demanda de carne bovina en el mundo está firme y Uruguay busca aprovecharla, aportando el producto que los consumidores más exigentes están demandando. Hay mucho para crecer certificando procesos y atributos. El stock bovino caerá en este ejercicio, pero se mantendrán las vacas de cría. Victor Chavez ;)

En Valor Agregado de radio Carve, Jorge Acosta, gerente de Información del Instituto Nacional de Carnes (INAC), comentó que la faena arrancó el año con un nivel de actividad muy alto, más en el primer trimestre que en el segundo.

El primero estuvo un 15% por encima de la faena del año pasado y acumuló tres años de crecimiento tanto en el primero, como en el segundo trimestre (aunque este estuvo un poco por debajo).

Esto responde a dos factores: por un lado, una estructura más joven de faena; y por el otro, a los novillos.

El corral significa el 13% del total de la faena, y el 23% en el caso de los novillos: uno de cada cuatro novillos proviene del corral. Es decir, así como creció la faena, creció la faena de corral.

Por su parte, las vaquillonas faenadas crecieron un 13% o 14%. En lo que va del año la vaquillona creció un 16%, fundamentalmente las provenientes del corral.

Al 30 de junio (cierre del año agrícola) la faena cerró en 2,7 millones de cabezas y comparado con el ejercicio anterior fueron 450 mil animales más, un 19% más respecto a junio de 2021.

“No es descabellado pensar que la faena puede estar por debajo de 2,6 millones. No hay que asustarse”, advirtió Acosta.

La faena, sumada a la exportación en pie y el consumo en los establecimientos, alcanza un 25% de extracción, pero el gerente de Información aseguró que “no hay que preocuparse” por la estructura hacia adelante.

Ovinos. Por su parte, la faena de ovinos tuvo una “explosión” en el ejercicio pasado: 1,3 millones de cabezas, una extracción alta para el stock. Fueron 380 mil cabezas de ovejas faenadas anualizadas, una cifra que hacía tiempo no se veía. No obstante, ahora muestra una reducción. “Podemos aspirar a faenar el millón, quizás no estemos en los niveles de faena del año pasado”, dijo Acosta.

El mercado de carne ovina ha cerrado un ejercicio “muy bueno” en cifras globales de exportación. Uruguay, en el ejercicio cerrado el año pasado, exportó 470 mil toneladas de carne peso canal, este año unas 620. Hubo, además, un cambio en el volumen de exportación, de 30%.

“Eso se vio acompañado por un crecimiento de los precios. La demanda hoy sigue firme y los mercados van a seguir demandando el producto uruguayo de forma muy buena. Quizás los precios tengan alguna corrección, pero no van a haber problemas en colocación en el segundo semestre. Lo atípico fue el primer semestre, no el segundo. Vamos a tener un muy buen segundo semestre, quizás no tan bueno como el primero”, concluyó.

PARAGUAY

Valores de las haciendas gordas de exportación aumentan 10 centavos de dólar

02/08/2022 GANADERÍA

El precio de las haciendas gordas de exportación abrieron la semana con una corrección alcista de 10 centavos de dólar por kilo carcasa en todas las categorías. De acuerdo al relevamiento de Valor Agro, la mayoría de las plantas frigoríficas están ofreciendo para la compra de machos US\$ 3,60 y de vacas US\$ 3,10 por kilo a la carne. Sin embargo, algunas empresas alcanzan los US\$ 3,65 para machos y tienen un precio piso de vaca en US\$ 3. Un industrial dijo que Chile, en medio de volatilidad e incertidumbre, está con señales más favorables luego de la intervención del Banco Central y una normalización de la moneda en relación al dólar. Además, se está trabajando nuevamente con Rusia, a pesar de que se incrementaron los costos logísticos por falta de barcos y no hay seguros de exportación.

Rusia fue el principal destino de exportación de la carne paraguaya en julio

03/08/2022 GANADERÍA

Después de mucho tiempo, Rusia se ubicó como el principal destino mensual de exportación de la carne bovina paraguaya con un total de 11.252 toneladas en julio, superando por 1.783 toneladas al mercado chileno, que durante años ha sido el mayor comprador. Un exportador comentó a Valor Agro que las colocaciones de carne a Rusia responden a las debilidades en el mercado de Chile, además de los mecanismos encontrados para poder reactivar los envíos a un destino que estuvo suspendido temporalmente por el conflicto bélico con Ucrania y las medidas que impusieron los países de Occidente. Si bien Chile pudo estabilizar la moneda, que experimentó una devaluación frente al dólar, está



viviendo incertidumbre política, por el plebiscito de septiembre que busca reformar la Constitución, y económica, por la falta de liquidez y aumento de la inflación. Elementos que han impactado negativamente en el consumo de carne bovina y en la dinámica de importación, según explicó, semanas atrás, un importador chileno en una entrevista con Valor Agro. Durante julio, Paraguay exportó a todos los mercados 35.480 toneladas de carne vacuna. Rusia se posicionó como el mayor comprador con 11.252 y Chile como el segundo con 9.469 toneladas. El valor medio de exportación fue de US\$ 5.085 por tonelada, una baja del 3,7% en comparación al precio medio del primer semestre. Con respecto a Rusia, el periodista sudamericano radicado en Europa, Tomas Friedmann, comentó a Valor Agro que existen dificultades de comercio, por escasez de empresas marítimas con llegada a los puertos rusos y falta de seguros para los productos durante el periodo de viaje, lo que significan menores garantías para los exportadores y un mayor costo. Desde Paraguay se dijo a Valor Agro que en julio los frigoríficos debieron redefinir estrategias de exportación por la baja demanda de Chile y redireccionar las cargas para Rusia, donde se envió un producto de mayor valor a un destino que tradicionalmente paga menos por la carne.

Frigoríficos exportadores sumaron 195.320 vacunos faenados en julio

03/08/2022 GANADERÍA

La faena de vacunos en los frigoríficos exportadores sumó 195.320 cabezas durante julio, lo que marca la segunda baja consecutiva después del máximo alcanzado en mayo con 227.090 animales. La actividad de julio es 8,4% inferior a junio y 13,2% por debajo en comparación a julio del año pasado. En total ingresaron a las plantas 33.832 novillos, 69.640 toros, 51.519 vacas y 40.329 vaquillas. Todas las categorías marcaron bajas en relación a las operaciones de junio, sin embargo, los novillos fueron los que más cayeron, pasando de 40.630 a 33.832 cabezas. Frigorífico Belén de Minerva Foods fue la planta de mayor faena con 37.174 vacunos, seguido por Frigorífico Concepción con 28.490 cabezas y FrigoChorti con 19.705 animales.

UNIÓN EUROPEA

EEUU utilizó solo 53% de su volumen asignado dentro de la cuota 481 en 2021/2022

por Cecilia Ferreira agosto 3, 2022

EEUU utilizó solo 53% de las 24.200 toneladas anuales que tiene asignado dentro de la cuota 481, en 2021/2022. "Esto significa que 11.277 toneladas de la cuota HQB de EEUU no se utilizaron, lo que representa más de US\$ 100 millones perdidos oportunidad de exportación", señaló un informe GAIN elaborado por la oficina del USDA en Bruselas.

Las exportaciones de carne vacuna de EEUU a la UE dentro de la cuota 481 crecieron un 10% en el ejercicio 2021/2022 respecto a las 11.800 toneladas de 2020/2021, a casi 13.000 toneladas.

El último trimestre del periodo, la cantidad enviada por EEUU llegó a 3.900 toneladas, el volumen trimestral más alto desde el comienzo de la pandemia.

Mientras que los exportadores de carne vacuna de EEUU finalmente lograron un volumen fijo asignado de la cuota HQB a principios de 2020, la llegada de la pandemia llevó a que los exportadores de carne estadounidense no pudieran explotar completamente esta mejora en el acceso al mercado de la UE.

ESTADOS UNIDOS

El desafío de la reposición cara

By JUSTIN SEXTEN - PRECISION ANIMAL HEALTH August 4, 2022

This survival model is a common replacement heifer selection method. Expose all the heifers and retain those who breed early in the breeding season and sell the failures as yearlings. Makes practical sense, a replacement with all the genetic potential in the world is of little use if she is open and those who breed early likely fit your production system.

Considering a replacement heifer is a 10+ year investment and requires 2 years of expenses without income from the day we wean her, is the survival model the best we can do?

The survival model allows for marginal performers to enter the herd because a non-pregnant genetically superior heifer can never catch up after that first unproductive breeding season. Fifty pounds is the difference in genetic potential for weaning weight when comparing the top 5% and bottom 95% of heifers in the American Angus Association database. So a pregnant replacement can wean 50 lbs less calf every year thereafter and still be equal to an exceptional female that fails to breed the first season. Zeros are hard to overcome when figuring averages.

So far we have compared a survival model where open and pregnant is the determining factor in retention. In reality we apply more selection pressure to most commercial herds as few expose every heifer born. For



many the next selection criteria is born early in the calving season. Yet we rarely explore why they were born early, just that they were.

Is early calving a sign of high genetic potential, no it could be quite the opposite. Imagine a cow that weans the smallest, slowest growing calf in the herd. All things being equal one would expect her to calve early as she has more energy to put toward reproduction while the high producing cows are dedicated to feeding the current generation and breed later once peak milk production passes.

Early calvers are more likely to be older cows who didn't have to devote resources to attaining mature size as three and four year olds. In this case the retained genetics are being sourced from older generations rather than advancing the newer genetics from your youngest cows who calve later because they are still growing.

Historically early born calves were selected to ensure heifers were 65% of mature weight by the start of the breeding season. This ensured a high percentage of females were pubertal by the start of the breeding season. Genetic progress and improved nutrition has reduced age at puberty providing greater flexibility to replacement selection.

As the cattle market starts its cyclical turn in favor of the cow-calf producer the cost of the replacement prospects are going up with weaned calf prices. Using the recent Cattle-Fax update that suggests \$25-35/cwt higher fall calf prices, a weaned heifer calf will cost you about \$150 more in opportunity cost than last year.

Combine this 10% increase in opportunity cost with a year of high input costs and scarce forage resources. Perhaps replacement heifer selection should go beyond turning out a bull with the oldest heifers and waiting to see what happens.

Historically these more expensive replacements are most productive during the cyclical lows in the cattle cycle. Iowa State published an excellent heifer retention strategy document in 1997 comparing dollar cost averaging and steady herd size replacement strategies. The approach was simple: spend the same dollars on replacement prospects each year, retaining less when they are expensive and more when prices are low, or keep the same head count regardless of the cost. Dollar cost averaging increased ROI while reducing overall investment and cow costs.

The one challenge with this model was the variable herd size. The experiment started with 100 cows, expanded to as large as 160 head and shrunk to a low of 80 head. This system poses a pasture management challenge but results in a well timed buy low, sell high strategy.

Getting heifers bred the first time while not easy is much simpler than successfully rebreeding those first-calf females. The percentage of first-calf heifers who rebreed in a defined breeding season may be one of the best indicators of herd reproductive efficiency. With the heifer's breakeven point well beyond the first and second calves, the ability to select for long-term reproductive success is a trait we should all focus on.

That said, few commercial cattlemen realize we have genomic tools available today to select for longevity before the first breeding season begins. For heifers who calve first at two years of age the difference in number of calves over the next seven calving events is 2.7 calves when comparing the top 20 and bottom 80 percentiles for reproductive efficiency.

Both heifers fit the survival criteria of calving at two years of age yet the number of calves over their lifetime was markedly different. For those who suggest the 20th and 80th percentiles are too extreme, the difference between the 25th and 50th percentile is 0.5 calves.

For those who want to continue to use the survival model as the first selection method consider testing the bred heifers and then marketing those with lower lifetime reproductive potential to reduce the first calf heifer fallout. Marketing heifers with known lower lifetime reproductive potential likely doesn't create the reputation most cattlemen seek. One could argue the same for keeping heifers without knowing.

AUSTRALIA

Preocupación por aftosa reciente las operaciones de la industria frigorífica

Beef Central, 02/08/2022 DIRECT consignment slaughter cattle grids across large parts of the country have continued to decline this week, as producers seek to hedge their bets over the possibility of a Foot & Mouth Disease outbreak.

However the market signals are becoming a little less transparent in some regions, as several large operators are not offering quotes again this week – knowing that they have positions in their rosters covered until well into August.

As often happens in times of uncertainty like this, there is a reasonably wide spread in over-the-hooks offers available over the past week. In southern Queensland, that spread is as much as 25c for grass steers, and 15c on cows this week, as companies adjust to rivals' moves.



One large multi-site export operator in Queensland is currently offering 600c/kg on heavy slaughter cows and 650c/kg on four-tooth grass ox. Both are a dollar a kilo or more behind the market high-point seen earlier this year, although those levels are now regarded as 'seriously overheated.'

Another large Queensland operator has withdrawn direct consignment offers again this week, content with current inflows of stock, given current labour and sickness issues. However as recently as Friday, that company was still quoting 615c/kg on heavy cows and 675c on four-tooth heavy steer. It plans to review its offers again at the end of this week, but Queensland pricing is obviously a fast-moving environment at present.

Central Queensland offers are typically 10c behind those rates at present, and 20-25c in northern regions, due to freight differential.

Slaughter cattle supply is still seasonally heavily constrained in southern Australia. Quotes are still dramatically higher from southern export processors than where they sit this week in Queensland, but despite that, very little business is being written, one processor said, because of the mid-winter lull in availability.

One southern processor has cows 655c/kg this week (a full 55c/kg more than the same company's rates in southern Queensland) and four-tooth ox 700c (+50c on Queensland).

That company's southern sites are managing to kill five-day weeks at present, but expected to pull back to four days at some sites soon due to the tightness of supply. That challenge is unlikely to change much until October.

"It's tough enough in the southern market ay present," one operator said this morning.

Reflective of the tough supply scenario in southern Australia, large Victorian operators Midfield and O'Connors were again active in the Queensland market this week, quoting 320c/kg over the scales at Blackall, and Roma.

Given this year's colossal increase in freight rates caused by diesel fuel price hikes, it is now a very expensive exercise to truck cattle out of Queensland into southern processing centres.

One estimate suggested rates of 30-40c/kg liveweight might apply, making them very expensive cattle by the time they reach the knock-box. One recent quote from Roma delivered southeast Queensland was 20c/kg (\$55/head), alone. While the export meat market is still under considerable pressure, there was some talk among meat sales desks this morning that it might have hit the bottom.

Sickness is still sweeping processing operations across the country. One significant southern Queensland had 70 staff off on Monday due to COVID or common flu, or about 18pc of its workforce.

Weekly kill finally cracks 100,000 head

There was no NLRS weekly kill statistical summary available for the week ended Friday by the time this item was published. It will be added here later.

However the previous week ended 23 July achieved a significant milestone, scraping past 100,000 head for the first time this year.

The question now being asked is, how long can such low throughput continue, blighted by labour and sickness challenges, before an oversupply of cattle start to emerge?

The 30,000 head currently 'not being killed' each week across Australia, compared with a normal year, represents a 'very big breeder paddock'. Over a yearly cycle, that number accumulates into around 1.5 million head. At this rate, cattle numbers may well be back to close to pre-drought levels some time next year.

Exportaciones del mes de Julio continuaron en niveles reducidos

Beef Central, 03/08/2022

AUSTRALIAN beef exports for the month of July have continued to languish – as they have all year – under the burden of low rates of slaughter, logistics challenges and other factors.

Volumes shipped to all markets last month reached just 74,949 tonnes, down 6pc on the previous month. Unfortunately comparisons with July last year are now less relevant, because production volumes a year ago were by that stage well down, due to the earlier effects of drought and herd rebuilding.

The July result is not surprising, given that Australian weekly beef slaughter only reached 100,000 head for the first time this year the week before last. A long-term weekly kill average is somewhere around 135,000 head, and often at this time of the year, closer to 150,000.

The same trend is apparent in calendar year-to-date exports, covering shipments made from January 1 to July 31.

Total volume for the period this year has reached 473,424t, down 6pc on last year, but a massive 195,000t or 28pc lower than the same six-month period in 2020.

All destinations with the exception of Korea are reflecting the broader trend last month, with volumes well-down across most parts of North and South Asia, North America, Europe and the Middle East.



Largest and highest value export customer, Japan, last month took 18,551t of Australian beef, down 17pc on the previous month, and down 5600t or more than 23pc on this time last year.

Apart from our own production challenges, the biggest reason is the abundance of US grainfed beef now finding its way onto global beef markets like Japan and Korea – at very competitive prices – due to the major herd liquidation occurring due to US drought.

The fact that currency movements have recently trended in Australia's favour, with the A\$ worth around US69.2c this morning, has not offset this competitive disadvantage.

For the first seven months of 2022, Japan has now taken just over 127,000t of Australian beef, down 7pc for the same period last year.

South Korea maintained its position as Australia's second largest export beef market last month, surpassing both the US and China in volume – due more to decline in those markets, rather than expansion into Korea. Korean trade last month reached just over 15,000t, up 6pc from June, and up a similar amount from July last.

Year-to-date, Korea has taken just short of 86,000t of chilled and frozen Australian beef, around 4.4pc down on last year.

China filled third place in export volume rankings in July at 13,956t, in the absence of more vigorous demand out of the US. China trade last month reached 12,533t, down 10pc on June, but much the same as this time last year, as China continues to battle against waves of COVID in major population centres.

Year to date, China has taken just over 85,000t of Australian beef – around 80pc of which was in frozen form. That's much the same as the same period last year, when the country also had COVID lockdowns in place for long periods, but a far cry from volumes shipped in the same period in 2019 and 2020.

Australia is increasingly being marginalised in the China market due to cheaper product out of South America, and a sharp decline in Chinese wholesale beef prices over the past two months. The US, for the first time in May, passed Australia in terms of China market share.

Given the extreme high rates of beef kill in the United States at present, it is no real surprise that Australian exports to East and west coast ports remain low. Volume last month topped only 11,757t, up 8pc on June, but back 15pc on July last year. Seven-month trade to July 31 reached just 85,611t.

In smaller and emerging export markets, the pattern was similar.

Indonesia took 3944t of Australian beef last month, down marginally on June, but down 16pc on July last year. Trade for the past seven months has reached 21,777t, down 8000t or 25pc on a year ago.

The combined seven-country Middle East region accounted for 2224t of our beef last month, down 21pc on June, but much the same as last year. Year-to-date numbers showed trade at 15340, down 10pc on the previous year.

In the absence of any working Free Trade Agreement with either the UK or the EU before the end of this year, trade into the region continues at just a trickle.

Volume into the UK market last month reached just 88t. Total for the year to the UK has been 474t.

The broader EU since BREXIT has fared little better. Total last month was 880t, up 10pc from a month earlier, while total shipments into the EU since January 1 have reached just 4682t.

NUEVA ZELANDA: importante incremento en el valor de las exportaciones de carnes bovinas

04 August 2022 Total beef exports down, but value up 23%

New Zealand exported red meat worth \$1.1 billion during June despite the ongoing global supply chain issues affecting sheepmeat and beef volumes, according to an analysis by the Meat Industry Association (MIA).

The 15% increase in value compared to June 2021 was largely driven by beef exports, particularly to China. Although the total volume of beef exports was down 7%, the overall value was up 23% to \$504 million. The value of beef exports to China was up 39 per cent to \$217m.

The overall volume of sheepmeat exported was largely unchanged compared to last June, at 32,470 tonnes, with value up 15% to \$398m. Volumes of chilled sheepmeat exports, however, continued to drop, down 31% to 2,253 tonnes.

Sheepmeat exports to China saw a drop in both volume (21%) and value (31%) compared to the same period last year, but this was offset for by increases in exports to other major sheepmeat markets.

That included the UK with volume up 14% and value up 28% to \$40m, and the United States, where the volume increased by 12 per cent and the value by 63% to \$58m.

"This is a remarkable performance in the face of challenging supply chain issues impacting our exporters' abilities to get products to our global markets," said Sirma Karapeeva, chief executive of the Meat Industry Association.



“What is also pleasing is that our grass-fed sustainable beef and lamb is clearly in demand across the globe. Consumers are increasingly valuing our natural low-impact farming practices and our farmers deserve a lot of credit for this.”

Total exports for the June 2021/2022 year were worth just under \$11 billion, an increase in value of 20% compared to 2020/2021 period.

Sheepmeat value was up 12% to \$4.3 billion and beef by 28% to \$4.6 billion.

“This clearly shows the hard work of our meat processing and exporting companies, who are capturing as much value as they can for the New Zealand economy under really trying circumstances,” said Karapeeva.